

PARADAS, RESPIRAÇÃO, ENCONTROS: territórios de intervenção

JÉSICA HENCKE¹; ÚRSULA ROSA DA SILVA²

¹ Instituto Estadual de Educação Assis Brasil – Mestranda PPGAV-UFPEL – jesicahencke@gmail.com

² UFPEL – Universidade Federal de Pelotas (orientador) – ursularsilva@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste projeto de pesquisa-intervenção propõe-se um deslocamento do automatismo da vida cotidiana ao pensar em rupturas e experiências voltadas à arte/educação, tendo como estratégia de ação a intervenção urbana em locais de paragem, neste caso, as paradas de ônibus, proporcionando um deslocamento com os estudantes de uma turma de 9º ano. Pelas janelas da sala de aula um pescoço se espicha, gira, tenta perceber o que acontece na cidade extramuros, sente o desejo de criar relações e intervir nos espaços cotidianos, viver a arte, mexer na cidade, criar recintos para dúvidas, questionamentos, aceleração ou desaceleração do corpo.

Deslocar-se, sair do lugar comum, evidenciar o processo de ensino em artes visuais, não como uma forma sistemática, representativa e reproduutora de modelos e metodologias de ensino, mas, como potência disparadora de outras formas de aprender, ao extrapolar os conceitos de arte como linguagem, informação, comunicação, recognição e investir na arte como sensação, que se dá no corpo em relação ao meio. “O corpo operante e atual precisa ser reencontrado, não como objeto, matéria viva ou parte do espaço do vivido, porque ele não é um feixe de funções, mas um entrelaçamento de visibilidade e movimento” (MEIRA, 2007, p. 28).

Um corpo feito de movimento e visibilidades, apto a experimentar, colocar-se em processo e intervir na cidade contemporânea. Caminhar, percorrer, trilhar, deslocar-se, mover-se, inquietar-se, investir na composição de novos caminhos outrora ignorados pelo contexto educacional, experimentar aprendizagens imersas em espaços não convencionais. Parar, olhar, sentir o frescor do vento e a umidade da neblina. Romper com as grades das janelas, as trancas dos portões e os muros de concreto que ladeiam o espaço escolar, ver o visto de outra maneira, permitir-se viver experiências.

A escolha da intervenção urbana emerge como substrato para parar, transfigurar o olhar e quiçá romper com os olhos de vidro que nada veem, apenas refletem uma lógica capitalista de produção e consumo. Pretende-se fazer uma quebra cotidiana ao penetrar artisticamente em “paradas de ônibus”, inserindo imagens, palavras, objetos que promovam questionamentos acerca da existência humano-social, além de promover performances corporais tornando o corpo do estudante-artista um instrumento inquietante e questionador ao se desdobrar e atrair olhares de outros corpos, não acostumados, com o movimento que tenciona uma relação corpo-informe e corpo-cidade.

Pensa-se: Onde o corpo desacelera? Para? Espera? Aguarda? Quando se espera o ônibus, a carona, o nascimento do filho, a nota da prova, o resultado de um teste, a hora do recreio, o sinal de que a aula acabou (a escola nem sempre é um ambiente em que gostamos de estar, em que sentimos vontade de aprender e ensinar), outros momentos aceleramos, corremos, ficamos agitados e ansiosos, temos medo de nos atrasar, perder o ônibus, chegar ao emprego após o chefe, entrar na sala de aula no meio da explicação. Aprendemos a nos disciplinar, a

seguir regras, cumprir normas. “Ser educado é controlar os instintos, disciplinar as ‘necessidades básicas’ e evitar ao máximo que os furores biológicos, principalmente os de ordem escatológica, se manifestem socialmente” (GOMES, 2002, p. 60).

Relacionar, pôr em movimento, criar espaços para experimentar, fazer e viver arte na cidade, produzir relações de subjetividade, entre lugares, valorizando as singularidades que constituem cada ser humano. Guattari, citado por Bourriaud (2009) “define a subjetividade como o conjunto das relações que se criam entre o indivíduo e os vetores de subjetivação que ele encontra, individuais ou coletivos, humanos ou inumanos” (p. 127).

Vetores que compõem a constituição corpórea, ultrapassando a lógica orgânica feita por sangue, vísceras, articulações, ossos, órgãos e músculos. Questiona-se: o que pode um corpo ao encontrar sujeiras, papéis, restos de alimentos, insetos, carros, animais, carroças, paradas de ônibus, cartazes, rastros de uma existência humana e sua desumanidade, marcas de sangue e muco, odores, vento, folhas secas esvoaçantes, multiplicidade de corpos? Na escola, nas ruas, nas avenidas, em nossas casas, na cidade que acolhe e exclui, numa dança contínua de relações? Os corpos são fruto de nossas relações e ações, dos ritmos que criamos. Caminhar, correr, andarilhar, pedalar, saltitar, andar de ônibus, guiar um automóvel, há pressa, não há tempo, é preciso chegar no horário, cumprir as normas, seguir as regras, submeter-se ao autocontrole.

Barbosa (2008) destaca que a arte envolve processos criadores que perpassam o desconstruir para construir, selecionar, elaborar, reelaborar, partir do conhecido para transformá-lo, questioná-lo, modificá-lo, dar-lhes outras funcionalidades e sentidos. Envolto nessa neblina de potência a arte expressa, comunica e representa, e, no âmbito escolar, se deseja compreender a arte como um corpo pulsátil que, ao mesmo tempo em que se constitui como arte, intervém na cidade contemporânea e potencializa viver sensações. “O corpo, por meio de suas experimentações, cata mundos, produz gestos, questiona os valores de uma sociedade que o exclui” (MOEHLECKE, 2005, p. 71), torna-se estrangeiro no próprio país, examina os lugares comuns e propõe intervir, fazer uso do espaço, deslocar o olhar, produzir fissuras, questionamentos, torcer territórios e, gerar pensamentos. “O ‘gesto’ é matéria expressiva da comunicação, emerge do processo interativo que plasma ‘como’ fazer e altera a intenção inicial, não se confundindo com o estado poético psicológico nem com os elementos constitutivos do fazer” (MEIRA, 2007, p. 38).

2. METODOLOGIA

O resumo do projeto que ora se desdobra, faz parte da pesquisa de mestrado que está em seu início. Tem como pretensão movimentar estudantes de uma turma de 9º ano do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, região central do município de Pelotas – Rio Grande do Sul, através de aulas/oficina, numa tentativa de viver a arte como sensação, roçar em processos de criação e vivenciar experiências que dinamizam e modificam a forma de pensar arte no âmbito escolar, ao intervir num espaço não artístico, por sua vez, as “paradas de ônibus” percebidas pela pesquisadora como um território de paragem, espera, silenciamento e/ou efervescência interna.

Imerso neste plano de ação, pensa-se que o processo de pesquisa-intervenção conseguirá abranger a dinâmica de estudo, à medida que, requer um olhar atento, cuidadoso, estrangeiro, questionador e exigente, não se satisfaz com as aparências e a superficialidade dos encontros, mas perpassa os múltiplos

planos aprendentes ao vislumbrar o processo e não o produto da aprendizagem. Traça mapas do que propõe realizar durante o estudo teórico acerca do corpo na arte contemporânea e o movimento de intervenção urbana (não se restringindo ao grafite e a pichação).

Inebriado por estas ponderações utilizar-se-á o método cartográfico, já descrito por Kastrup, Passos e Escóssia (2009) cujo objetivo é promover uma análise compreensiva acerca de um movimento de intervenção urbana, transformando as paradas de ônibus em territórios de criação artística num caminhar urbano intencional. Coletar-se-á imagens, vídeo, falas dos estudantes, olhares dos transeuntes, recortes do processo interventivo como substrato para analisar e relacionar com a biografia escolhida no desenrolar do projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento o projeto de intervenção encontra-se num processo de análise conceitual, elaboração das aulas/oficina, escolha dos teóricos que irão ou não respaldar a investigação, levantamento das possibilidades de intervir no espaço urbano sem ocasionar problemas à sociedade.

Tem como objetivo proporcionar um olhar atento, cuidadoso e investigador sobre a cidade contemporânea e compreender que a arte pode ocorrer em diferentes espaços não formais. Tenciona compreender o professor-artista-pesquisador em seu processo de aprendizagem ao investir na transformação de seus saberes, acompanhando os fluxos das relações contemporâneas. Não aceita a estática, a reprodução de modelos, a representação como as únicas formas possíveis de fazer, reconhecer e estudar artes visuais dentro do âmbito escolar. Investe na construção de dispositivos de compartilhamento, através de processos de intervenção urbana, ao tonar-se um proposito de ações artísticas.

4. CONCLUSÕES

Neste projeto o que interessa é estar disposto a aprender com os encontros, perder-se pelos caminhos, reconhecer o que não se sabe, escutar. Aprender é mutável, singular, todo saber é finito e geograficamente localizável e está em continuo processo de transformação. O saber tem a ver com a vida (LARROSA, 2007).

Vem, aprende comigo, inquieta-se, desconfia-se, rompe-se com a forma, não se conforma, não se aceita o mesmo, erra-se, acerta-se, engana-se, tenta-se, busca-se continuamente uma singularidade, um estilo docente, uma autoformação singular e desejante. Onde estarão estas possibilidades? Além das leituras, vivências, pesquisas e experiências? Nas intervenções urbanas ao tornar artísticos os espaços não artísticos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, Ana Mae (org.) **Arte/Educação Contemporânea Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2008. pp. 98-112.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins, 2009.

GOMES, Paola Basso Menna Barreto. Devir-Animal e Educação. Educação & Realida. jul./dez. 2002. 27(2) pp. 59-66.

LARROSA, Jorge. Leitura, Experiência e Formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos I**. Novos Olhares na Pesquisa em Educação. 3º ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 129-156.

MEIRA, Marly Ribeiro. **Filosofia da Criação**: reflexões sobre o sentido do sensível. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MOEHLECKE, Vilene. **Corpos da Cidade**: territórios e experimentações. 60 ARQ TEXTO 7, 2005. pp. 60-73. Disponível in: http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Vilene%20M_oehlecke.pdf.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A Cartografia como Método de Pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Suiina, 2009.